

LINGU@GEM VIRTU@L NOS TEXTOS ESCOLARES

GISELE ANA CONCEIÇÃO FIGUEIREDO¹

Resumo

Este artigo tem o objetivo de observar a ocorrência de expressões, próprias da linguagem virtual na esfera sócio comunicativa da internet, na produção escrita que circula em textos na sala de aula. A análise desse aspecto foi feita em textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental II (8ª série) de uma instituição privada.

Palavras-chave: linguagem virtual, língua portuguesa, produção escrita.

Resumen

Este artículo tiene el objetivo para observar la ocurrencia de expresiones, apropiada de la lengua virtual en la esfera del sócio comunicativa del Internet, en la producción escrita que circula en textos en la sala de clase. El análisis de este aspecto fue hecho en los textos producidos para las pupilas de Ensino básico II (8ª série) de una institución privada.

Plabras-lhave: lengua virtual, lengua portuguéa, escrita la producción

Introdução

Para atender à velocidade que a internet impõe, frequentadores de salas de bate-papo acabaram criando uma linguagem própria, muitas vezes com expressões pouco decifráveis para os que não fazem parte desse meio. Trata-se da chamada linguagem virtual, mistura da linguagem oral e escrita, repleta de muitas abreviações.

O universo da comunicação on-line tem atingido, principalmente, adolescentes em idade escolar, e a linguagem utilizada nessa esfera deixou de fazer parte somente do mundo virtual e de seus suportes, como os micros ou os aparelhos celulares. Verifica-se que no momento que, se faz necessário escrever em sua língua materna, percebe-se que o aluno já emprega algumas palavras grafadas seguindo as normas da escrita da linguagem virtual.

Pretendo nesta pesquisa estudar quais os signos mais frequentes na escrita da linguagem virtual que se encontram presentes nos textos dos alunos, bem como analisar quais os gêneros em que essa linguagem está sendo empregada.

Contextualizando a pesquisa

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão empírica ocorrida a partir de minha experiência como professora do Ensino Fundamental II—precisamente da 8ª série, de uma escola particular—. A experiência a que me refiro provém de meu contato com os alunos desde o Ensino Fundamental I até o término do Ensino Fundamental II, verificando que os

¹ Pós-graduada em Língua Portuguesa: teoria e ensino pelo UNIVAG

que se encontram nesse último estágio adotam, em seus textos escritos, uma linguagem diferente dos demais, criando uma linguagem própria, constituindo-se de mistura da linguagem oral e da linguagem escrita, intitulada esta de linguagem virtual.

Dessa forma, é possível observar que, no momento que se faz necessário escrever em sua língua materna, o aluno emprega algumas palavras grafadas segundo as convenções da escrita da linguagem virtual.

Para alguns educadores, a linguagem virtual prejudica o aprendizado da norma culta da língua escrita. Para outros, é apenas um jeito prático de usar a linguagem.

Nessa esteira, fez-se necessário uma pesquisa e estudo mais aprofundado sobre o assunto para que pudesse ser observado qual é a frequência da ocorrência de expressões próprias da linguagem virtual na esfera sócio comunicativa da internet, na produção escrita dos alunos em textos na sala de aula. Bem assim, identificar quais os signos mais frequentes na escrita da linguagem virtual e observar até que ponto essa linguagem virtual é ou não prejudicial ao aprendizado da escrita culta.

Como ponto de partida, surgiram alguns questionamentos, como: Qual será, de fato, o impacto da linguagem dos *chats* sobre a escrita do aluno adolescente? Será que o uso contínuo da linguagem dos *chats* modifica a escrita desse aluno adolescente? Quais seriam os elementos caracterizadores desse gênero textual? Será que o aluno sabe adequar sua forma de expressão em diferentes situações de produção?

Para comparar os textos de natureza dialogal – Bakhtin (2002, p.126) considera que *todo texto, mesmo quando produzido por um só agente, é orientado para um destinatário, tendo assim, natureza dialógica* – com textos produzidos na escola, também dialogais, e assim poder verificar a capacidade de o adolescente adequar a linguagem ao gênero textual e às condições e situações de produção, procurei analisar a linguagem dos *chats*, confrontando-a com textos escolares que implicassem dois agentes, tais como redações escolares e bilhetes. Para tal pesquisa, observei textos de conversação on-line e analisei textos escolares de alunos de classe média, estudantes de uma escola particular, os quais, à época da coleta do corpus, tinham idade entre 13 e 14 anos.

Solicitei, ainda, às professoras de Educação Física, Língua Portuguesa e Ciências que pedissem aos alunos da 8ª série, objeto de minha pesquisa, as seguintes produções:

- a) Educação Física: uma redação com o tema - “Como foi a gincana das cores para você?”. Os textos foram escritos na quadra, estando os alunos assentados no chão de

forma bem-descontraída, trocando idéias entre si, sem nenhuma interferência do professor, que apenas recolheu as redações e as repassou a mim.

- b) Língua Portuguesa: Uma redação com o tema: “Preconceito”. Os alunos redigiram o texto e em seguida a professora os entregou para mim.
- c) Ciências: uma redação sobre a feira cultural e científica que ocorreu na escola, Depois de após corrigidas, foram repassadas para mim pela professora.
- d) Bilhetes: produzidos de forma livre e espontânea, “escondidinhos” de mim e colhidos quando deixados sobre as carteiras ou anotados em agendas.

Os alunos, em momento algum, ficaram sabendo que os textos que estavam produzindo para os professores de Educação Física, Língua Portuguesa e Ciências seriam analisados por mim e pela professora de Língua Portuguesa. Isso porque acredito que, para o professor de português, o aluno escreve de forma diferenciada, dando-se mais atenção à forma, o que não ocorre com outras disciplinas.

Com base nessa constatação sobre as mudanças promovidas na escrita em decorrência das condições de produção, recorro a Marcuschi (1995, p.35). O autor afirma que *tanto a fala quanto a escrita variam em função de um contexto, de uma situação de produção e de um portador específico*.

Portanto, os textos, dependendo das condições de produção e da circulação, apresentam um registro ou mais formal, ou menos formal. Acredito que, como afirma a teoria do *continuum*, há alguns gêneros que mesclam a escrita em função do suporte com a fala em função de similaridades no processamento. Seja exemplo o objeto deste estudo, as interações on-line.

Sabe-se que, entre diversos gêneros de textos falados e de textos escritos, podem ocorrer sobreposições que não se adequam a uma oposição absoluta entre fala e escrita. Seguindo a já citada teoria do *continuum* dos gêneros, de Marcuschi (2001), *esses textos correlacionam as duas modalidades—fala e escrita*. É muito mais fácil aproximar um *chat* ou um bilhete de uma conversa do que um texto acadêmico, o que por si só já denuncia seu caráter de oralidade, mas não se pode negar seu caráter de escrita em função do meio de produção— gráfica e da concepção discursiva— escrita.

Embora não seja possível fazer uma distinção dicotômica, falar é diferente de escrever. Não se escreve como se fala de forma alguma. Nem mesmo na linguagem virtual, em que se observa enorme proximidade entre fala e escrita, a escrita é a representação direta da fala. Na fala, pensamos e falamos quase que simultaneamente. Usamos o olhar, o tom de voz e os

gestos. Na linguagem virtual, não podemos utilizar esses recursos, sendo necessário criarmos outros, considerados paralingüísticos. Diferentemente da fala, em que pensamos e organizamos o pensamento em função da exposição oral, na linguagem virtual pensamos e organizamos o pensamento em função da escrita, devendo o *chatter* ter um domínio do funcionamento da escrita, a fim de ter sucesso em sua interação.

Dessa forma, a linguagem virtual faz parte de nova prática social que envolve o uso da língua escrita e falada. É texto falado por escrito, sendo necessário localizar este novo gênero no entrecruzamento entre fala e escrita. Daí a necessidade também de relativizar a noção de *continuum* e assumir a noção de imbricação, ou seja, a interação *on line* não é nem escrita nem fala, mas a mescla dos dois. O que considerei bastante interessante em minha pesquisa foi trabalhar com uma noção de imbricação, como a defendida por Marcuschi (2001,35), para quem a imbricação é:

Uma relação escalar ou gradual em que uma série de elementos se interpenetram, seja em termos de função social, potencial cognitivo, práticas comunicativas, contextos sociais, nível de organização, seleção de formas, estilos, estratégias e de formulação, aspectos constitutivos, formas de manifestação e assim por diante.

Como é caracterizada a linguagem virtual?

Na linguagem oral, é muito forte a ocorrência de recursos não verbais, os gestos, a entonação da voz, a forma de olhar, enfim todo o corpo entra no processo de dar sentido ao texto construído. Como fazer, entretanto, quando a interação só depende da palavra escrita? Os usuários da interação *on-line* parecem ter encontrado resposta para solucionar essa questão. Para isso, utilizam-se de

1) Onomatopéias

Trata-se de recurso que nomeia a capacidade dos usuários de uma língua de formar uma palavra que reproduza sons e ruídos variados, através das onomatopéias. Alongando vogais e consoantes, ou mesmo criando algumas seqüências vocálicas ou consonantais, ou até mesmo em alguns casos ambas, consegue-se causar nos interlocutores a sensação de como determinada palavra deve ser lida e que intenção elas carregam.

Ex: Naum, oiíiii, yess, passeeeiiiiii

2) Emoticons

O que se observa na interação on-line é algo bastante curioso. Os usuários desenvolvem uma forma particular de expressão de suas emoções através do uso dos *emoticons* ou símbolos icônicos que ajudam na expressão das emoções. Nos *chats*, os *emoticons*, parecem querer substituir os elementos extralingüísticos e mesmo expressões inteiras no processo de comunicação. Intensificam a expressão escrita, marcando suas emoções, dando a ela alto grau de informalidade.

Apresento a seguir alguns *emoticons* de teclado:

Símbolos icônicos ou emoticons de teclado	Sentido básico
:~)	Prazer, humor, etc
☹	Tristeza
;-)	Paquera
;- (ou :~(Chorando
%-(ou %-)	Confusão
:-o ou 8-o	Chocado, surpreso
:-[ou :-]	Sarcasmo
[:-)	Usuário com <i>walkman</i>
8-)	Usuário com óculos de sol

3) Reduções da extensão das palavras

Consiste em transcrever o estrato sonoro de algumas palavras, reduzindo o tempo de escrita, bem como o produto final, ao máximo, desconsiderando qualquer norma gramatical, apoiando-se única e exclusivamente no som. Nota-se que não se está falando aqui de abreviaturas, mas de cortes nas palavras, tendo esses cortes como princípio norteador o som que os vocábulos evocam. Esse fenômeno recebe o nome de acrônimos, ou seja, a leitura das letras isoladas evoca um som semelhante ao que se quer dizer.

A seguir, seguem alguns recursos de redução utilizados na linguagem virtual:

- a) Sons das letras associados a símbolos matemáticos.

D+ / até + / to +_	Demais / até mais / estou mais ou menos
--------------------	---

- b) Uso de consoantes que têm em sua pronúncia o som de uma vogal.

Blz / msmo / tc	Beleza / mesmo / teclar
-----------------	-------------------------

c) Uso das consoantes mais sonoras de palavras dissílabas.

Pq / vc / tb	Porque / você / também
--------------	------------------------

d) Expressões reduzidas a apenas uma palavra.

Né / procê / colé	Não é? / para você / qual é
-------------------	-----------------------------

e) Interrupção da palavra em sua sílaba tônica, mantendo-se, por vezes, a pós-tônica.

Ta / ce / té	Está / você / até
--------------	-------------------

f) Uso de estrato sonoro da língua inglesa.

Fragay / pegay	Fraguei / peguei
----------------	------------------

g) Modificação da representação convencional dos sons nasais.

Naum / saum / vaum	Não / são / vão
--------------------	-----------------

h) Marcação das sílabas tônicas com o uso da letra **h**.

Tah / neh / ahí	Ta / né / aí
-----------------	--------------

i) **K** substituindo o dígrafo **QU**.

Aki / tikin	Aqui / tiquinho
-------------	-----------------

j) Economia na escrita de letra mediais.

Mto / veia / loko	Muito / velha / louco
-------------------	-----------------------

Principais elementos da linguagem virtual encontrados nas redações e bilhetes:

Podemos observar que há certos critérios nas reduções utilizadas na linguagem virtual. Percebe-se que seus usuários da mesma compartilham as normas de redução por eles próprios estabelecidas.

Todas as reduções são determinadas pelos sons das palavras e, em diferentes contextos, mantêm seu valor semântico, ou seja, “mto” é sempre muito, “vc” é sempre você, “q” é sempre que, e ninguém tem muita dificuldade de perceber isso.

Dessa forma, em situações mais descontraídas, tais como anotações para uso pessoal de ambas, bilhetes, rascunhos, etc, o adolescente tende a usar essa nomenclatura em seus textos.

Uma ocorrência que me chamou atenção foi o uso de “k” em substituição ao “qu”, já que essa letra quase não aparece em vocábulos da língua portuguesa, tendo seu correspondente nas letras “c” e no dígrafo “qu”.

Ex: Casa = ksa

Pude verificar que, além do princípio da economia, há outro elemento que paira sobre a escrita na linguagem virtual, que é o desejo de torná-la irreverente, descontraída, modificando a norma em favor de um código próprio, mas não tão pessoal que impossibilite a comunicação com um interlocutor. A marca principal dessa escrita é sempre a tentativa de desobediência às normas gramaticais préestabelecidas no que diz respeito, principalmente à ortografia, à pontuação expressiva e ao registro quase obrigatório da forma como as palavras são pronunciadas, elegendo uma escrita, muitas vezes, iconográfica e seguindo a ordem gramatical sujeito-verbo-predicado. Desse modo, a forma como as palavras são escritas parece ter mais que ver com o estilo do que com o princípio da economia.

A linguagem virtual não chega a ser incompreensível às pessoas em geral, mesmo fazendo uso de abreviações, onomatopéias. Ela se caracteriza, ainda, por ser ágil, exótica, híbrida, de caráter mais fechado e, se, como já disse, não chega geralmente a ser ininteligível aos não iniciados, fere os princípios lingüísticos daqueles que só enxergam a língua como produto normativo.

Pude observar que, na interação on-line, o erro estaria em se escrever afinado demais com as normas gramaticais. A necessidade de velocidade, de irreverência, de construção de um estilo próprio e de constituição de um grupo determina a norma nesse gênero. E a norma nesse caso é: cortar palavras, usar abreviaturas, onomatopéias, procurando todos os recursos capazes de tornar a comunicação algo bem informal.

Aqui vão alguns dos principais elementos da linguagem virtual encontrados nas redações e bilhetes:

1) Uso de onomatopéias:

Ex.: oiiiiii, chegueiiiiiii, yesss.

2) Redução da extensão das palavras:

Muitos foram os recursos de redução observados no *cópus* em análise. Vejamos alguns:

a) Sons de letras associados a símbolos matemáticos:

D+ = demais

b) Uso de consoante que têm em sua pronúncia o som de uma vogal :

Q = que

c) Uso das consoantes mais sonoras de palavras dissílabas:

Vc = você

d) Modificação da representação convencional dos sons nasais:

Naum = não

e) Marcação da sílaba tônica com o uso da letra “h”

Tah = ta

f) “K” substituindo o dígrafo “qu”

pke = porque

g) Economia na escrita de letras mediais

Mto = mto

h) Uso de termos em inglês

Perfect= perfeito

O que é possível observar analisando os bilhetes e redações?

Analisando as características acima e já traçando um paralelo com as análises feitas dos textos escolares e dos bilhetes que os alunos redigiram, é possível observar que, em situações mais descontraídas, tais como anotações para uso pessoal de aulas, bilhetes, rascunhos e outros, os adolescentes tendem a usar e a abusar dessa nomenclatura em seus textos. Mas, por outro lado, o mesmo se polícia mais ao fazê-la em situações formais, como foi observado, por exemplo, nas redações escritas principalmente para a professora de Língua Portuguesa.

Notei que, como acontece nos *chats*, em que no uso da linguagem virtual há certa despreocupação com as normas gramaticais impostas pela tradição, em que a mensagem é

cuidadosamente trabalhada para parecer descontraída e informal, nos bilhetes observei uma escrita espontânea, com o uso até mesmo de palavras em inglês como “*perfect, ok, right*”, existindo, também, o uso e abuso de reduções como blz, pke,q, vc, d+,mto, ã; uso de reticências, pontuação descuidada. Ao ler os bilhetes, tem-se a impressão de estar diante de uma tela de computador.

Em sendo assim, pude detectar que a linguagem dos bilhetinhos é muito semelhante à linguagem virtual utilizada nos *chats*. Também semelhante é a condição de produção entre o bilhetinho e o *chat*, em que os interlocutores se conhecem e são íntimos. O que muda é o suporte, o que não influencia na linguagem, mas, sim, na formatação do gênero.

Já as redações revelaram ...

É interessante ressaltar que foram analisadas 69 redações de uma turma de 8ª série composta por 23 alunos, sendo os temas das dissertações distribuídos de acordo com as disciplinas de Ciências, Língua Portuguesa e Educação Física. Analisando-as, pude verificar que

a) Ciências

Ao analisar as redações escritas pelos alunos para a professora de Ciências, falando sobre a feira cultural e científica do colégio, pude notar que 85% dos alunos procuraram utilizar uma linguagem diferente da utilizada nos bilhetes. Observei que havia, por parte do emissor, esforço em parecer analítico e crítico, porém com certo cuidado, utilizando-se também de linguagem mais formal. Pude notar também que, entre aluno/professor, há uma natural hierarquia. A linguagem utilizada e a forma de organização do texto mostraram um aluno tentando ser sincero, mas com muito cuidado, o que transparece na escolha vocabular. Houve a ocorrência da linguagem virtual em apenas 15% dos textos. Observei que os alunos buscavam se utilizar da linguagem formal e houve um cuidado maior com a escolha lexical.

b) Educação Física

O resultado da análise das redações produzidas para o professor de Educação Física foi um pouco diferente das redações produzidas pra a professora de Ciências.

Ambas as produções, para as professoras de Ciências e de Educação Física, confirmaram o fato de o aluno procurar adequar forma e conteúdo do texto em função do receptor.

Fugindo do padrão mais formal da linguagem e aproximando-se das características mais comuns à linguagem virtual, encontrei com mais frequência, nas redações, os seguintes termos:

Blza=beleza	Q=que	VC=você	Tbém=também	PQ=porque	Axo=acho
-------------	-------	---------	-------------	-----------	----------

Esses dados patenteiam uma linguagem mais descontraída, com resquícios de linguagem de *chat*.

c) Língua Portuguesa

Analisei 23 textos produzidos para a professora de Língua Portuguesa. Desses 23, em apenas 2 dos textos observei traços da linguagem dos chats. Como o uso dos termos :vc, q, tah, mto, pke e ã. Também não encontrei muito o uso de gírias, e o padrão de linguagem eleito foi o português escrito culto, seguindo a gramática normativa. Os problemas mais frequentes foram os que comumente aparecem em textos, como pontuação, concordância.

Considerações finais

Nessa análise, pretendi demonstrar que, ao confrontar textos dialogais –como bilhetes e redações– aos *chats*–,os adolescentes pesquisados lançam mão da linguagem virtual, porém, de maneira geral, a maioria sabe adequar a linguagem utilizada ao gênero solicitado.

Foi possível demonstrar que a linguagem utilizada nos bilhetes e a linguagem virtual apresentam as mesmas características: são descontraídas, recorrem a uma linguagem informal com registros de oralidade intensos, como as abreviações. Assim, o que se pode constatar é que, nos bilhetes e *chats*, o que se muda é basicamente o suporte e o meio que, no segundo, é eletrônico.

Já em relação às redações, notei que tanto as redações redigidas à professora de Educação Física, quanto à professora de Ciências, os alunos procuraram repetir a arquitetura do gênero dissertativo, com introdução, desenvolvimento e conclusão. Observei, entretanto, diferença de linguagem entre elas, pois notei que, para a professora de Educação física, eles procuraram usar linguagem mais informal, talvez gerada pelos seguintes fatores: as condições de produção e a descontração próprias à disciplina possibilitaram o uso dessa linguagem mais informal, comprovando aqui a teoria de Marcuschi (1995) no afirmar que *a escrita varia em função de um contexto, de uma situação de produção e de um portador específico*. Outro fator relevante diz respeito à intimidade entre professor e aluno: quanto maior ela for, mais descontraída será a linguagem, independentemente do receptor ser um elemento mais alto na escala hierárquica educacional. Essa descontração foi marcada por expressões e gírias como: mó barato, beleza, e algumas abreviações.

Já as diferenças entre a linguagem observadas nos *chats* e a linguagem verificada na maioria das redações de Língua Portuguesa, foram elas maiores. Existiram poucos traços de oralidade, ou desvio das normas gramaticais. Nesse viés, a postura dos produtores dos textos, neste caso os alunos, foi de grande adequação dos textos à norma culta, exigida pelo gênero textual.

A linguagem virtual, conforme demonstrou minha pesquisa, é algo novo, e é inegável que ela já faz parte da escrita em situações de descontração, constituindo-se uma mescla da escrita e fala. Entretanto, é importante ressaltar, conforme observações da pesquisa, que os alunos estão conseguindo adequar a linguagem utilizada ao gênero de produção exigido.

Sem professor para vigiar, sem ninguém para dizer que isso é certo ou errado, sem policiamento das normas, muito pelo contrário, a meta é quebrá-la ao máximo. A liberdade de expressão é total e irrestrita. Isso pode ser comprovado na análise feita entre os gêneros redação escolar e bilhetes, em que, neste último, por não existir a cobrança e a presença do professor, a liberdade de linguagem foi muito grande.

Sabemos que muitas já são as pessoas que procuram se comunicar, desafiando a noção estipulada ao erro, prescrita pelo português padrão, inovando na forma e deixando-se levar pelas tendências vivas da língua falada.

A essa luz, podemos constatar que, em nenhum momento na história do espírito humano, o ritmo das inovações e transformações tem sido tão intenso como nos dias de hoje. E para acompanhar esse dinamismo, a linguagem se modifica, cria outros termos, incorpora anglicismos e tecnicismos, recria formas e expressões sempre na tentativa de ser o mais funcional possível. Isso reflete muito mais do que apenas mutações sociais, econômicas ou políticas da sociedade, mas, e principalmente, a própria evolução da vida.

Referências Bibliográficas:

- ABREU, Lílian Santos. (2002). O chat educacional: o professor diante desse gênero emergente. In: DIONISIO, Ângela Paiva, MAHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e Ensino*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Lacerna, p 87- 94.
- ALVES, Leia. *Estilo cibernético*. Primeiramão-O seu portal de classificados, maio 2006. Disponível em <http://www.primeiramao.com.Br/editorial_informática_servico138.asp>.
- CARVALHO, Nelly (1987). Neologismo: ato e fato social. In: *O que é neologismo*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense.
- KALUNGA. *Mensagem para você*. Revista kalunga, set 2005. Disponível em:<http://www.kalunga.com.Br/revista/revista_setembro_04.asp>. Acesso em 29 maio 2006.
- LOPEZ, Manuel Mayor. (2005) *Lenguaje de los móviles y lenguaje informático*. Actualización Lingüística, Granada – Espanha.
- MARCUSCHI, L.A. (2005) *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6 ed. São Paulo: Cortez.

SANTOS, Else Martins dos (2005). Chat: e agora? Novas regras-Nova escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, p 151-183.